Não Comerei da Alface a Verde Pétala

**Vinicius de Moraes**

Não comerei da alface a verde pétala  
Nem da cenoura as hóstias desbotadas  
Deixarei as pastagens às manadas  
E a quem maior aprouver fazer dieta.  
  
Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
Talvez pouco elegantes para um poeta  
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta  
Que acredita no cromo das saladas.  
  
Não nasci ruminante como os bois  
Nem como os coelhos, roedor; nasci  
Omnívoro: dêem-me feijão com arroz  
  
E um bife, e um queijo forte, e parati  
E eu morrerei feliz, do coração  
De ter vivido sem comer em vão.

Extraído do livro "Para Viver um Grande Amor", Livraria José Olympio Editora S. A.- Rio de Janeiro, 1984, pág. 84.

\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*

“O fogo no rabo da ideia pegou

No ano de mil seiscentos e nove

O cientista Galileu por a+b calculou

Que o Sol não se mexe

Que a Terra se move”

(Bertold Brecht)

**\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\***

**Luz do Sol**

[**Caetano Veloso**](http://letras.mus.br/caetano-veloso/)

Luz do sol  
Que a folha traga e traduz  
Em verde novo  
Em folha, em graça  
Em vida, em força, em luz...

Céu azul  
Que venha até  
Onde os pés  
Tocam a terra  
E a terra inspira  
E exala seus azuis...

Reza, reza o rio  
Córrego pro rio  
Rio pro mar  
Reza correnteza  
Roça a beira  
A doura areia...

Marcha um homem  
Sobre o chão  
Leva no coração  
Uma ferida acesa  
Dono do sim e do não  
Diante da visão  
Da infinita beleza...

Finda por ferir com a mão  
Essa delicadeza  
A coisa mais querida  
A glória, da vida...

Luz do sol  
Que a folha traga e traduz  
Em ver de novo  
Em folha, em graça  
Em vida, em força, em luz...

Reza, reza o rio  
Córrego pro rio  
Rio pro mar  
Reza correnteza  
Roça a beira  
A doura areia...

Marcha um homem  
Sobre o chão  
Leva no coração  
Uma ferida acesa  
Dono do sim e do não  
Diante da visão  
Da infinita beleza...

Finda por ferir com a mão  
Essa delicadeza  
A coisa mais querida  
A glória, da vida...

Luz do sol  
Que a folha traga e traduz  
Em ver de novo  
Em folha, em graça  
Em vida, em força, em luz...

**\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\***

**A ciência pode classificar**

**e nomear os órgãos de um sabiá**

**mas não pode medir seus encantos.**

**A ciência não pode calcular**

**quantos cavalos de força existem**

**nos encantos de um sabiá.**

**Quem acumula muita informação**

**perde o condão de adivinhar: divinare.   
  
Os sabiás divinam.**

**(Manoel de Barros)**

\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*¨\*

**A onda**

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

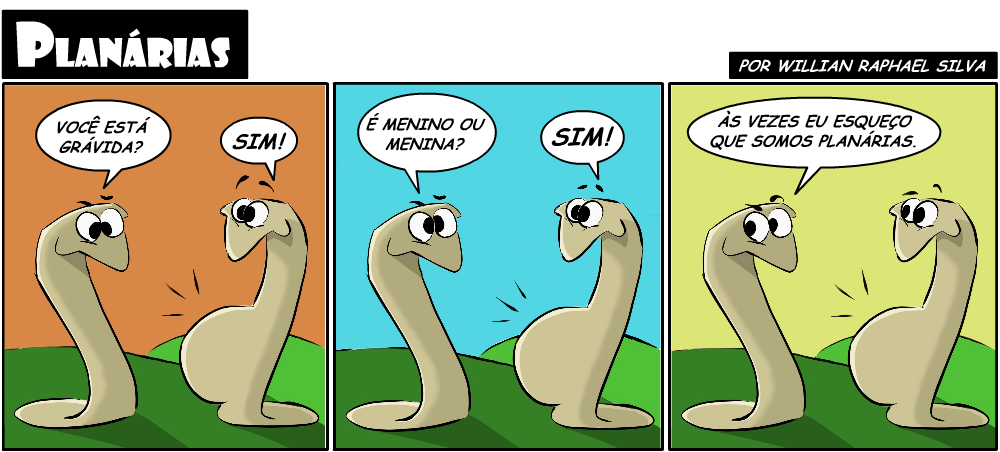
aonde?

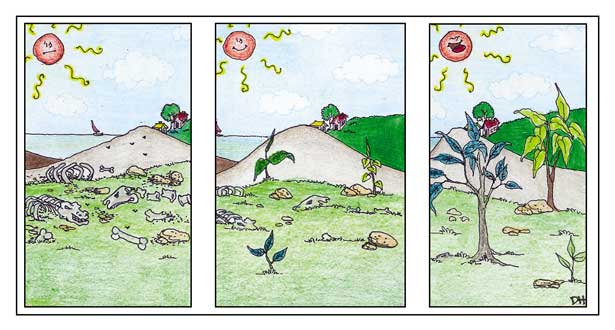
a onda a onda.

(Manuel Bandeira, In: Estrela da Tarde)

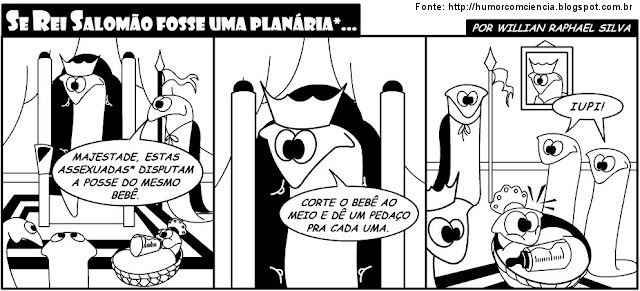


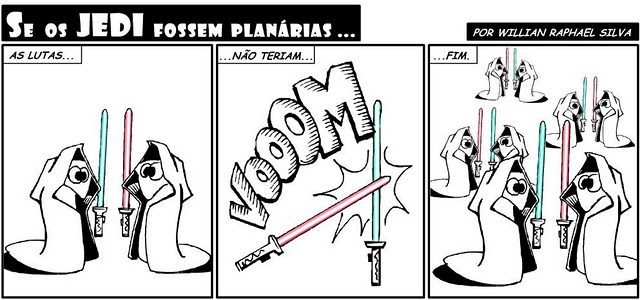






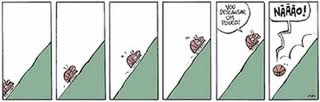






















**Quanta**

[**Gilberto Gil**](http://letras.mus.br/gilberto-gil/)

Quanta do latim   
Plural de quantum

Quando quase não há   
Quantidade que se medir   
Qualidade que se expressar   
Fragmento infinitésimo   
Quase que apenas mental   
Quantum granulado no mel   
Quantum ondulado no sal   
Mel de urânio, sal de rádio   
Qualquer coisa quase ideal

Cântico dos cânticos   
Quântico dos quânticos

Canto de louvor   
De amor ao vento   
Vento arte do ar   
Balançando o corpo da flor   
Levando o veleiro pro mar   
Vento de calor

De pensamento em chamas   
Inspiração   
Arte de criar o saber   
Arte, descoberta, invenção   
Teoria em grego quer dizer   
O ser em contemplação

Cântico dos cânticos   
Quântico dos quânticos

Sei que a arte é irmã da ciência   
Ambas filhas de um Deus fugaz   
Que faz num momento   
E no mesmo momento desfaz   
Esse vago Deus por trás do mundo   
Por detrás do detrás

Cântico dos cânticos   
Quântico dos quânticos

*A Ciência em si*

Gilberto Gil, Arnaldo Antunes

Se toda coincidência

Tende a que se entenda

E toda lenda

Quer chegar aqui

A ciência não se aprende

A ciência apreende

A ciência em si

Se toda estrela cadente

Cai pra fazer sentido

E todo mito

Quer ter carne aqui

A ciência não se ensina

A ciência insemina

A ciência em si

Se o que pode ver, ouvir, pegar, medir,

pesar

Do avião a jato ao jaboti

Desperta o que ainda não, não se pôde

pensar

Do sono eterno ao eterno devir

Como a órbita da Terra abraça o

vácuo devagar

Para alcançar o que já estava aqui

Se a crença quer se materializar

Tanto quanto a experiência quer se

abstrair

A ciência não avança

A ciência alcança

A ciência em si.

# Átimo de pó

## [Gilberto Gil](http://letras.mus.br/gilberto-gil/)

Entre a célula e o céu  
O germe e Perseu  
O quark e a Via-Láctea  
A bactéria e a galáxia

Entre agora e o eon  
O íon e Órion  
A lua e o magnéton  
Entre a estrela e o elétron  
Entre o glóbulo e o globo blue

Eu, um cosmos em mim só  
Um átimo de pó  
Assim: do yang ao yin

Eu e o nada, nada não  
O vasto, vasto vão  
Do espaço até o spin

Do sem-fim além de mim  
Ao sem-fim aquém de mim  
Den de mim

**Pop Wu Wei (Letra)**

O movimento estÃ¡ para o repouso   
assim como o sofrimento estÃ¡ para o gozo   
o sofrimento estÃ¡ para o gozo   
assim como o movimento estÃ¡ para o repouso  
  
Por isso eu faÃ§o tudo pra nÃ£o fazer nada   
ou entÃ£o nÃ£o faÃ§o nada pra fazer tudo   
eu gosto de deixar a onda me levar sem nadar   
deixar o barco correr   
mas como o povo diz que Deus teria dito   
"faz a tua parte que eu te ajudarei"   
melhor considerar o dito por nÃ£o dito e dizer   
"tudo que eu puder farei"  
  
O movimento estÃ¡ para o repouso   
assim como o sofrimento estÃ¡ para o gozo   
o sofrimento estÃ¡ para o gozo   
assim como o movimento estÃ¡ para o repouso  
  
Meu bem   
eu sei que posso estar cantando prosa   
e como Ã© perigosa a minha afirmaÃ§Ã£o   
sair do movimento bem que pode ser um tormento   
eis outra constataÃ§Ã£o   
o fato Ã© que eu sou muito preguiÃ§oso   
tudo que Ã© repouso me darÃ¡ prazer   
se Deus achar que eu mereÃ§o viver sem fazer nada   
que eu faÃ§a por merecer

Enquanto a tragédia de Rabicó se desenrolava no camarote do navio afundado, Narizinho e Emília escolhiam figurinos em casa de dona Aranha Costureira. Depois passaram a escolher fazendas. Dona Aranha tirou dos seus armários de madrepérola um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos; e com o maior pouco caso, como se fosse de alguma casinha barata, desdobrou-o diante das freguesas assombradas.

— Que maravilha das maravilhas! — exclamou Narizinho, de olhos arregalados, sentindo uma tontura tão forte que teve de sentar-se para não cair.

“Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda nada! Feito de cor — e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos — rendas, entremeios, fitas, bordados, plisses ou vidrilhos, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos — os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços — todos, todos!… Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ouvires que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor do mar como se nadassem n’água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar.

— É a vertigem da beleza! — exclamou dona Aranha sorridente, dando-lhe a cheirar um vidrinho de éter.

Emília espichou a munheca para apalpar a fazenda; queria ver se era encorpada.

— Não bula! — murmurou Narizinho com voz fraca, ainda de olhos turvos.

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furta-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim… A curiosidade de Emília veio interromper aquele êxtase.

— Mas quem é que fabrica esta fazenda, dona Aranha? — perguntou ela, apalpando o tecido sem que Narizinho visse.

— Este tecido é feito pela fada Miragem — respondeu a costureira.

— E com que a senhora o corta?

— Com a tesoura da Imaginação.

— E com que agulha o cose?

— Com a agulha da Fantasia.

— E com que linha?

— Com a linha do Sonho.

— E… por quanto vende o metro?

Narizinho, já mais senhora de si, deu-lhe uma cotovelada.

— Cale-se, Emília. Os peixinhos podem assustar-se com as suas asneiras e fugir do vestido.”

(trecho de “Vestido Maravilhoso” In: Monteiro Lobato, Reinações de Narizinho, vol. 1)